

CASA ONIRÍCA

*Collage
como imagem
poética do ser*

CASA ONIRÍCA

Collage como imagem poética do ser

por

GABRIELA PRESTES SICILIANO

COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN | UFRJ

ORIENTAÇÃO | JULIE PIRES



AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, meus maiores incentivadores e que tenho a sorte de serem também meus grandes amigos. Aos meus pais, Josiana e Luiz Carlos, que sempre ressaltaram a importância da educação, me possibilitando oportunidades incríveis ao longo dessa caminhada. A minha irmã Julia e a todos meus primos, que são meus irmãos do coração, por toda parceria e pela linda infância que tivemos juntos. E aos meus tios e avós, minhas raízes e que admiro tanto a história. Em especial meu avô Sá, que me deu minhas primeiras revistas e é hoje meu anjo da guarda, sempre dando um jeito de estar presente.

E aos amigos que também se tornam família: àqueles de longa data, que acompanharam diversas fases da minha vida. Carol, Camila, Julia, Sofia, Beatriz, Mariana e Luiz Felipe. Que sigamos crescendo sempre juntos. À Aya, minha amiga de alma e que guardo muita saudade.

À Escola de Belas Artes, que me deu a oportunidade de conhecer pessoas tão múltiplas e que me inspiraram a ser ainda mais quem sou. Me apaixonei pela EBA desde o primeiro dia que pisei no prédio, ainda com 17 anos, para fazer a prova de THE. Já conseguia me imaginar estudando ali, mesmo ainda perdida em relação a que caminho trilhar. Agradeço àqueles que estiveram presentes ao longo desses 5 anos de faculdade e que agora levo para a vida toda. Ana Verônica, Ana Carolina, Bernardo, Gianluca e Nicole, foi maravilhoso ter feito parte disso com vocês. E também às amigadas incríveis que germinaram através desse encontro, Isadora, João, Juliana, Lucas e Natalia.

À Tereza, minha psicóloga, por todo apoio e troca sobre psicologia e sobre a vida. E também a todos aqueles com quem trabalhei, obrigada por terem me ensinado tanto na prática.

A todos os mestres que tive até hoje, na escola, em cursos e na faculdade. É muito potente ser ponte para transmitir o conhecimento. Admiro imensamente essa profissão tão libertadora. Em especial, à Julie, minha orientadora nesse projeto, pela calma e sensibilidade para entender aquilo que me é tão pessoal, ajudando a materializar e organizar meus pensamentos. E à Irene, por toda ajuda durante a pré-banca.

A todos os artistas que cruzaram meu caminho nos últimos anos, por terem contribuído no meu processo artístico e também por compartilharem do próprio universo comigo.

Por fim, agradeço a todos aqueles não citados, mas que de alguma forma contribuíram para a minha formação.

Gratidão!

RESUMO

PRESTES, Gabriela.

Casa Onírica: Collage como imagem poética do ser

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design)

Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

É através da colagem analógica que eu me expresso, me entendo e entendo o mundo a minha volta. Encontrei nela uma forma de trazer ao consciente, coisas antes ocultas no meu inconsciente. Durante o processo criativo, temos a capacidade de nos perdemos em nós mesmos, para então nos encontrarmos. A arte nos faz questionar as coisas ao nosso redor, sair da superfície, mergulhar em terras mais profundas e por isso, ela nos revela coisas de volta.

Em um mundo onde estamos sempre (des)conectados e onde milhões de informações e imagens nos atravessam todos os dias, acredito que a colagem seja uma forma de desacelerar e se conectar. Mas principalmente, de organizar a complexidade que o mundo nos apresenta. O que nos faz realmente enxergar aquilo que nos cerca e o que verdadeiramente somos?

A partir de estudos de Carl Jung, Fernando Fuão, Gaston Bachelard, Jonathan Crary, Seena Frost, entre outros, reuni nessa pesquisa temas que tratam da psicologia, arte e sociologia, com o objetivo de apontar a urgência de resgatarmos aspectos mais oníricos para as nossas vidas, integrarmos nossos próprios fragmentos e aprendermos assim, a habitar nós mesmos e o mundo.

Palavras-chave: Collage, Inconsciente, Poética, Tempo e Devaneio

ABSTRACT

PRESTES, Gabriela.

Oneiric House: Collage as poetic image of being

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design)

Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

Through analog collage I have been able to express and understand myself and the world around me. I have found in it a way to bring things into consciousness that had previously been hidden in my subconscious. During the creative process, we have the ability to lose ourselves so that we can find ourselves. Art makes us question things around us, leave the surface, dive into deeper levels and for this reason it reveals things in return.

In a world where we are constantly (un)connected and where millions of information and images flood in on us every day, I believe that collage is a way to slow down and reconnect. But most importantly, to reorganize the complexity that the world presents to us. What makes us genuinely see what surrounds us and what we really are?

Based on studies by Carl Jung, Fernando Fuão, Gaston Bachelard, Jonathan Crary, Seena Frost, among others, in this work I have brought together themes from psychology, art and sociology, with the objective of showing the urgency to save more oneiric aspects for our lives, to integrate our own fragments and in this way learn to inhabit ourselves and the world.

KeyWords: Collage, Subconscious, Poetic, Time and Daydream

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1: COLLAGE E SUAS MÚLTIPLAS MANIFESTAÇÕES	
1.1. A poesia por trás de cada ato	8
1.2. Uma breve história da collage	13
CAPÍTULO 2: COLLAGE E O INCONSCIENTE	
2.1. Sonhos, símbolos e arquétipos na Psicologia Junguiana	22
2.2. SoulCollage como ferramenta de autoconhecimento	27
CAPÍTULO 3: A ERA DA INFORMAÇÃO E DA PROFUSÃO DE IMAGENS	
3.1. O processo de modernização e a lógica 24/7	32
3.2. A arte como forma de desacelerar	37
CAPÍTULO 4: CASA ONÍRICA: APRENDENDO A SER MORADA PRÓPRIA	
4.1. Conceitos	41
4.2. Desenvolvimento	43
4.3. Resultados	47
CONCLUSÃO	54
BIBLIOGRAFIA	55
LISTA DE FIGURAS	57
FONTES ICONOGRÁFICAS	58





A minha trajetória com a colagem se iniciou quando eu ainda era criança, no hábito ingênuo de decorar capas de caderno da escola e álbuns de fotografia. Dizem que o que criamos quando criança nos dá pistas sobre o que buscaremos fazer na vida adulta e acho que isso acaba revelando muito sobre nós mesmos. Sempre tive uma relação sinestésica com papéis, desde cheirar e tocar até coletar e guardá-los conforme suas texturas e cores. Com o tempo, passei também a colecionar imagens que por algum motivo me chamavam atenção, até que me vi nessa caça em sebos e feiras de antiguidade. O caminho sempre se deu de forma natural e intuitiva, mas só percebi a potência daquilo que estava fazendo há poucos anos. Desde então, busco entender mais a fundo a técnica, ainda pouco difundida em relação às outras expressões artísticas, e também as forças ocultas da nossa mente, que são os motores do nosso desenvolvimento na arte e na vida.

A colagem analógica busca transver o óbvio, desafiando muitas vezes essa era digital desenfreada. O cuidado minucioso com cada escolha dos recortes e dos seus encontros, é quase que uma súplica pela calma e atenção

que muitas vezes carece na realidade atual. Na tela, você está em contato com aquilo que acontece no mundo externo e o que ele espera de você, enquanto no processo artístico, o contato é com aquilo que você realmente é. É o momento em que você pode se permitir sem julgamentos, para então entender que é possível viver como se vive na arte. É aí que se desenvolve o autoconhecimento, que muito se fala.

Diante disso, me aprofundei em temas que, para mim, estão diretamente ligados à collage e favorecem sua compreensão. Começo minha pesquisa explicando o conceito da collage e a poética por trás dessa linguagem. Depois, apresento uma breve história desde o seu surgimento até os dias atuais. Já no capítulo 3, me adentro no universo da psicologia, trazendo conceitos da teoria de Jung a respeito do inconsciente, e da importância vital de suas manifestações em símbolos e sonhos. Além disso, explico um pouco a respeito da “Soulcollage”, técnica na arteterapia que se utiliza da collage para fins de autoconhecimento. Mais adiante no capítulo 4, realço o impacto da modernidade, seu ritmo ininterrupto de produção e das redes sociais no nosso modo de viver, trazendo a expressão artística como solução para lidarmos com a atualidade.

A partir dessa pesquisa e junto a conceitos da Fenomenologia poética de Gaston Bachelard, desenvolvi um mapa impresso que retrata a minha *Casa Onírica*, como reflexo dos meus espaços de intimidade, local que abriga meus sonhos e meus estados mais puros de ser. O objetivo desse projeto é servir de inspiração a quem queira conhecer mais a respeito da collage ou àqueles que desejam apenas se adentrar na própria casa. É também um convite a quem queira visitar um pouco da minha.



CAPÍTULO 1

COLLAGE E SUAS MÚTIPLAS MANIFESTAÇÕES

A colagem é uma das respostas do homem atual ao desafio da morte de Deus, isto é, da perda de significado. - Vilém Flusser

1.1. A POESIA POR TRÁS DE CADA ATO

A collage é uma técnica poética que consiste na junção de fragmentos retirados de seu contexto original, para a criação de uma nova realidade imaginativa. Ela se estende para além das artes plásticas, influenciando também a música, a dança, o teatro e a arquitetura. Esse termo, usado pela primeira vez pelo Marx Ernst no surrealismo (ALEXANDRIAN apud ERNST, 1976), procurava destacar a potência dessa expressão artística, que ultrapassa a noção de ser apenas o ato de recortar e colar papéis em uma superfície, como é na colagem. Collage seria então uma linguagem, enquanto a colagem, o tratamento que se dá ao material.

Limitar o ato em dicotomias simplórias, como cortar-juntar, é excluir tudo aquilo que acontece entre um e o outro, que é justamente a grande magia dos encontros. Encontros de símbolos ora distantes, encontros da consciência com o inconsciente, o encontro com o acaso. É nos lembrar que a essência se dá pela integração das partes e não pela oposição delas.

Segundo Fernando Fuão, “Longe de ser um aspecto positivo, esta generalização foi responsável pela própria depreciação do termo, pelo esvaziamento poético, enquanto forma de representação.” (FUÃO, 2011, p.9) Por esse motivo, pouco se fala sobre collage, sendo essa de certa forma inferiorizado em relação a outras expressões artísticas e não assumido como algo autônomo, a parte da pintura, e sim apenas como ferramenta de auxílio durante outros processos.

Para entender a collage, temos que ir a fundo nos significados simbólicos e na poesia que se esconde por trás de cada ato, pois ela acaba se revelando mais que uma técnica de criação para a arte em geral, é também uma poética.

“É um procedimento que tem seu produto originário da fusão associativa de formas e ideias, sendo um modo de deixar o mundo falar através de suas imagens, signos e fragmentos. É uma linguagem, uma conversa que grita contra a ordem das coisas, de seus conceitos e significados, de suas intolerâncias e preconceitos. É uma anti-linguagem, uma linguagem de violação dos códigos.”
(FUÃO, 2011, p. 9 e 10)

A collage pode ser analisada em suas diferentes etapas desde o **recorte**, passando pelos **fragmentos** resultantes, dos seus **encontros**, do **acaso** que permeia toda a ação e por fim, a **cola**.

A fragmentação está metaforicamente associada à história da modernidade (FUÃO, 2011). Foi estabelecido um distanciamento tanto na forma como nos relacionamos, quanto em nossa relação com a natureza e nosso próprio corpo. E entre as coisas e o ser humano. Isso também veio acompanhado da especialização das funções no trabalho, no pensamento e na vida, decorrentes em parte pela propagação do materialismo, racionalismo e funcionalismo. Além disso, o surgimento da fotografia também está diretamente relacionado ao desenvolvimento da collage, já que a nossa forma de ver, representar e construir o mundo foi mudada por essa óptica. A fotografia produz o primeiro corte, pois é um fragmento de realidade, uma representação assim como a pintura, apesar de tomarmos ela muitas vezes como a própria realidade. A visão humana não é igual a visão da máquina e sua lente. A distância entre o objeto e a objetiva, por exemplo, distorce seu intervalo referencial, confundindo quem observa a fotografia. Logo, tudo na imagem fotográfica é artificial.

“A collage, mediante a utilização, a desfiguração do índice fotográfico, pretende reanimar os corpos suspensos, aderidos, hipnotizados, ante a sua necessidade de representação.” (FUÃO, 2011, p. 29) Assim, o que vai inaugurar a collage é a segunda incisão, o recorte. É a desfiguração da nossa visão para que o olhar vagueie sobre as imagens em busca de algo, onde a escolha se dá por eliminação. É a liberação do formato quadrada ou retangular feitos pela máquina fotográfica. Com isso, a collage amplia os significados dessas figuras resultantes, pois revela narrativas desconhecidas a partir da articulação com outros recortes. Cada recorte se torna então uma história deslocada.

“O que qualifica a collage é a aproximação do distanciado. A collage só pode existir em um mundo despedaçado, fragmentado pelos golpes de cortes que a máquina fotográfica faz na realidade. A verdade é que não pode haver collage em um mundo intacto, onde não existam pedaços para serem colados. Collage é um gesto sobre um mundo destruído, de alguma forma. Quem faz collage não pode contentar-se com um mundo em ruína. Re-colar esses fragmentos é construir um mundo novo” (FUÃO, 2011, p. 30)

O corte inicia uma nova etapa que faz com que a comunicação se dê de forma distinta, pois interrompe o trajeto convencional da narrativa. É o ato cirúrgico de descobrir e desvelar o conteúdo presente para além da superfície, pois nosso olhar tende a buscar sua restituição. Esse caráter misterioso de ocultar e revelar acaba contribuindo para o aguçamento da nossa imaginação.

A tesoura, em serviço da razão para a concretização dessa fragmentação, assume um papel simbólico tanto da morte quanto da criação, pois ao mesmo tempo que seleciona, amputa e destrói o corpo original, também dá vida a uma nova realidade. Na collage, não só a figura recortada tem relevância, mas tudo aquilo que resta no vazio da página. A forma e a contraforma são contradições de extremo valor, pois muitas vezes o negativo da imagem é o que desperta em nós uma curiosidade. Definição/ indefinição, verso/ reverso, ordenado/ desordenado. “A postura na collage é fundamentalmente de um incessante questionamento através de cortes.” (FUÃO, 2011, p.33)

É interessante notar também as associações criadas entre olho e corte na linguagem e na arte. No filme surrealista *Um Cão Andaluz* (1929) do diretor Luis Buñuel, por exemplo, um olho é cortado com uma navalha em uma das primeiras cenas, como se ao fazer isso, a visão unilateral do espectador fosse rompida, dando-lhe uma perspectiva que transcende a lógica e o vício de um olhar cartesiano e, como diz Fuão “As grandes mudanças no mundo se dão através da mudança do olhar.” (A órbita da collage: FUÃO, 2012)

O olho é uma imagem recorrente no surrealismo, pois é uma ponte capaz de unir o inconsciente ao consciente. O interior ao exterior. É o olhar que fragmenta a imagem na collage. Vemos também essa ligação na língua portuguesa, com expressões quotidianas como “tesoura cega” e “olhos afiados”, para designar objetos sem fio e quem tem uma boa visão, respectivamente. (FUÃO, 2011)



Figura 1. Um cão Andaluz (1929)
Luis Bunel



Figura 2. Um cão Andaluz (1929)
Luis Bunel

OS ENCONTROS E O ACASO

“O poético opera com coisas que são e não são ao mesmo tempo. O jogo de imagens entre verossímil e inverossímil encerra todos os segredos da collage.

O encontro reside nesse entrever da verdade e da mentira, num desvelamento do corpo, na fenda do espelho, na fissura do desejo.” (FUÃO, 2011, p.48)

Os encontros acontecem no momento posterior ao recorte e anterior ao da colagem, onde as figuras se movem e se combinam livremente antes de sua fixação. A aproximação e seus diferentes testes podem resultar em significados diversos, como se a dança dos encaixes fosse um quebra-cabeça de infinitas possibilidades. É através dele que a multiplicidade de visões, culturas, tempos e espaços podem coexistir no mesmo lugar. Segundo Fuão (2011), A collage nos faz ver a beleza de uma outra forma, que não necessariamente segue as leis da fotogenia ou da perspectiva renascentista e moderna. Geralmente as figuras que passam despercebidas são aquelas que acabam revelando-se as mais potentes na collage, pois são muitas vezes as mais fáceis de serem articuladas com outras. Já as imagens consideradas “belas” suprem o nosso desejo na caça aos recortes, mas dependem da conjunção com outras para que seja possível a sua despersonalização e então sua personalização.

Nosso olhar na collage se volta para a curiosidade em desbravar caminhos ainda não percorridos em conjunções simbólicas de profundo significado. A beleza se dá na complementaridade da figura e não somente na sua individualidade. Se dá pela inadequação.

“Objeto e figura estão sempre, ao mesmo tempo, bem e mal situados. Isto porque o jogo das identidades, das afinidades, deve ser entendido como uma tensão entre a identidade e a diferença, ou seja, perceber o semelhante no dessemelhante, diferença na semelhança, a pureza na impureza.” (FUÃO, 2011, p. 59)

Há também dois aspectos intrinsecamente ligados ao processo de encontros na collage: a espera e a errância. A espera é necessária para que haja o encontro com o outro, pois depende da ação do acaso, das coincidências, do inesperado. Da escuta. E é através do movimento errante que se pode ter a sorte de presenciá-lo. Errância é a nossa natureza humana de vagar em busca da união, do encontro amoroso, mesmo sem um destino fixo. Mesmo errando. As figuras parecem agir sozinhas, encontram seu caminho enquanto dançam livremente na imprevisibilidade do espaço e do tempo.

A ação do acaso é de difícil aceitação nas ciências, pois carece de lógica e se manifesta de forma subjetiva, fugindo do nosso controle. Ela flerta com os mistérios que cercam a nossa vida. Muitos tendem a desqualificar obras que se utilizam do acaso, pois julgam que ele acaba por afastar a obra do artista. Entretanto, a arte e a vida vão para muito além do que se pode premeditar e o inesperado contribui de fato para a individuação da arte, só que atua de forma distinta, muitas vezes a partir de forças inconscientes.

As coincidências ocorrem no dia-a-dia e a todo momento na collage, mas o acaso só é legitimado quando o olhar atento é capaz de identificar os encontros. Por isso, ele depende da participação do artista, da captura do seu olhar e da ação de suas mãos.

Portanto, collage é a combinação de ações racionais, premeditadas, com a imprevisibilidade, a espontaneidade e da manifestação pura da potência que existe no nosso inconsciente.

“Em todo fenômeno do acaso existe algo de divino, providencial, no sentido de acabar com a angústia da espera, da expectativa. Por isso, o acaso relaciona-se com a esperança. A esperança de que o acaso, o inusitado aconteça. Antigamente, tudo o que hoje atribuímos a potência do acaso, atribuía-se ao furor divino.” (FUÃO, 2011, p.77)

A COLA

Por fim (ou não), a cola é instrumento que intensifica a ilusão de integridade, de homogeneidade e da capacidade de enganar a nossa visão, que são grandes características na collage.

Fernando Fuão apresenta diferentes sentidos para a palavra “cola”. Em seu livro *Collage como trajetória amorosa* (2016), ele escreve: “...seria mais interessante remeter à origem da palavra collage não a cola, mas sim ao sentido de colligare que em latim significa colegas, aqueles que andam juntos, aquelas figuras que andam lado a lado” (2011, p.81). Ou ainda: “Colar é consagrar, dar por terminada uma etapa, uma tarefa. Concluir. Conclusão.” (2011, p.81) Isso porque, no sentido de “colar” restrito ao de “grudar”, não é o suficiente para definir a collage. Existe collage sem cola, pois é o encontro que faz a união. A cola serve apenas como ponte para consolidar o presente, mantendo intactas as partes do todo. É uma ferramenta de conservação e concretização.

Há por isso um certo temor em consagrar o ato com a cola. A insegurança e incerteza de ser ou não o melhor encaixe ou a melhor escolha de figuras. Mas, estranhamente, quase sempre sabemos a hora certa de dar o ato final ou ir adiante.

1.2. UMA BREVE HISTÓRIA DA COLLAGE

A técnica da colagem está disponível a muito tempo e não se tem uma data exata para seu surgimento. Pode-se dizer (FONSECA, 2009) que sua origem seja datada próxima à criação do próprio papel por volta de 200 A.C pelos chineses ou no Egito há cerca de 4000 anos, onde já se usava a cola em diversos utensílios. No âmbito mais artístico, podemos achar registros da ferramenta no século XII, onde os calígrafos japoneses preparavam as bases para seus poemas colando tecidos e papéis diversos, e também na confecção de mosaicos durante o período da arte bizantina.

Entretanto, até o século XX, a colagem era apenas uma técnica decorativa e não tinha grande valor artístico reconhecido como uma expressão na arte por si só.

“Atualmente, entende-se pela expressão collage, uma série de procedimentos criativos distintos que cruzaram o século XX, desde as ‘fotografias compostas’, os papier-collés, as fotomontagens, a collage, a photocollage, as assemblages, evidentemente cada um desses procedimentos com suas diferentes características.” (FUÃO, 2011, p. 93).

Assim, as origens da colagem como linguagem, ou seja, a collage, podemos atrelar ao surgimento também da fotografia e suas primeiras manipulações, nas fotografias compostas de Oscar Rejlander, Henri P. Robinson e Desideri, por exemplo. (FUÃO, 2011) Foi a primeira vez que essa técnica foi usada para fins de expressão que não seguiam o sistema pictórico realista, lugar antes ocupado basicamente pela pintura.

Contudo, a collage só ganhou mais atenção no surgimento dos movimentos de vanguarda na Europa. Ligados ao contexto social e político do período entreguerras, com o principal objetivo a crítica e o combate à realidade vigente, os artistas haviam uma grande necessidade de reinterpretar o mundo. Em oposição à carnificina, nacionalismo e militarismo da época, eles passaram a utilizar métodos de associação não lineares e a explorar outras técnicas para além da pintura.

A partir de 1912, no período sintético cubista, podemos identificar os primeiros usos da colagem sobre pinturas. Artistas como Braque, Picasso e Gris usavam todo tipo de material impresso, como rótulos de propaganda, restos de papel de parede e recortes em jornais, combinando-os ao desenho e à pintura. Esses trabalhos também ficaram conhecidos como *papier collé*, sendo Georges Braque o pioneiro, com obras como *Fruteira e copo* e *Prato de frutas*, ambas de 1912.

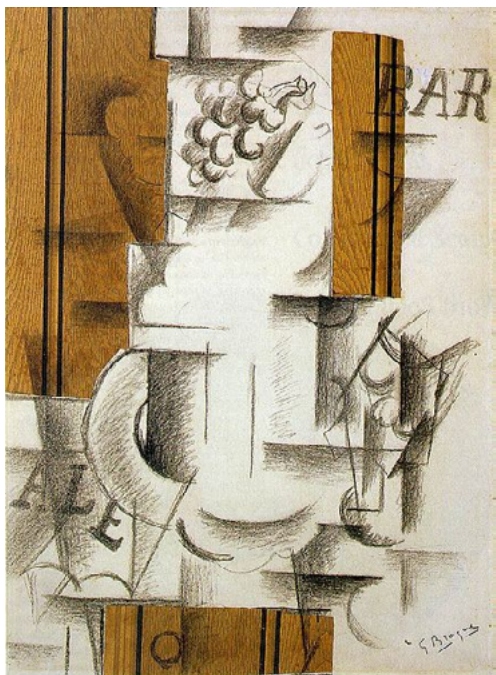


Figura 3. Fruit Dish and Glass (1912)
Georges Braque

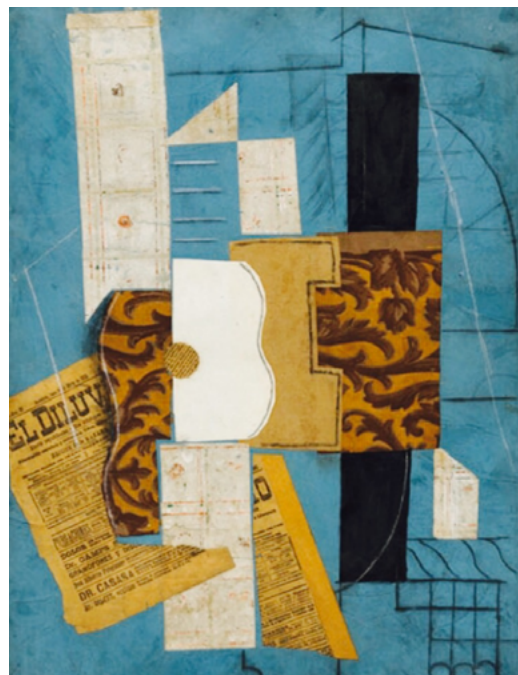


Figura 4. Guitar (1913)
Pablo Picasso

Isso foi um marco revolucionário na história da arte, porque quebrou o paradigma da arte tradicional com o uso de diferentes materiais, abrindo espaço para diversos artistas que vieram depois. Os *papier colles* tinham como objetivo incorporar um pouco de realidade do cotidiano em suas obras, substituindo a imitação da pintura pelo próprio material a ser imitado, sem precisar utilizar a pintura. Como afirma Fernando Fuão, eles são

“...planos coloridos, figurativos, que representam ou sugerem certos objetos por analogia de cor, textura ou por indícios.” (idem, 2011, p.105) Assim, brincavam com os limites entre abstração e realidade. Além disso, os cubistas transformaram sua relação com a escultura e a materialidade, já que com o uso de elementos tridimensionais, como botões, cordas e areia, criavam efeitos plásticos que ultrapassavam os limites das sensações visuais, introduzindo também uma sensação tátil às obras.

Já o movimento Dadaísta surgiu em Zurique em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, mais especificamente em reuniões no Cabaré Voltaire, contando com a ilustre presença do poeta Tristan Tzara, autor do Manifeste Dada 1918 e um dos idealizadores da corrente (ALEXANDRIAN, 1976). Depois também ganhou grande influência na Alemanha, principalmente em Berlim.

Os artistas desse “contramovimento” defendiam a negação total, inclusive da própria arte, assumindo assim uma postura de extrema subversão, crítica e ironização de todos os valores que os cercavam, tanto da suposta “sociedade perfeita”, quanto da academia. Segundo Tzara, “O início de Dada não foi o início de uma arte, mas de um desprezo.” (TZARA apud ALEXANDRIAN, 1976, p.32), reafirmando a ideia de serem criadores da antiarte, da “idiotice pura”.

Tzara ainda recomendava o abandono do uso das técnicas convencionais na arte e de suas exigências estéticas, principalmente da pintura à óleo (ALEXANDRIAN, 1976), fazendo com a collage adquirisse aqui uma nova postura, já que não tinham mais a preocupação com a representação pictórica da realidade. Com a introdução da fotomontagem a partir de ilustrações e fotografias que achavam em propagandas, posters e folhetos, criavam composições visualmente absurdas e ao acaso, resignificando os recortes que foram apropriados. Seu caráter aparentemente “sem sentido”, era na verdade uma espécie de metáfora para o próprio mundo e a guerra que, segundo eles, eram também ilógicos.

A collage foi uma poderosa arma de denúncia política da época, destinada às grandes massas pelo seu uso em jornais, cartazes e revistas (FUAO, 2011). Destacam-se os trabalhos da Hannah Höch (uma das únicas mulheres a frequentar as reuniões dadaístas), Raoul Hausmann e George Grosz.



Figura 5. Cut with the Kitchen Knife Through the Beer-Belly of the Weimar Republic (1912). Hannah Höch



Figura 6. Sem título (1930). Hannah Höch



Figura 7. O crítico de Arte (1919-20). Raoul Hausmann

Outro nome que desempenhou um papel especial na história da collage é o artista Kurt Schwitters, que transitou por diferentes mídias e movimentos artísticos e por isso não se pode encaixá-lo em uma só vertente, apesar dele ter trabalhado próximo aos dadaístas berlinenses (KROHN in BUSCH, 2013). Seu trabalho ficou conhecido como movimento Merz, que ele mesmo intitulou a partir de uma colagem com o fragmento tipográfico cortado de um anúncio de um banco alemão, dizendo “Kommerz- und Privatbank”. O que o difere dos outros dadaístas talvez seja o fato dele estar mais preocupado com a relação entre forma e cor nas suas composições e menos no conteúdo político delas. Schwitters estendeu rapidamente os limites da colagem plana, fazendo diferentes usos dos materiais, deformando, dobrando, cobrindo e pintando sobre vários resíduos de produtos. Para ele, a collage não era um meio de projetar entre muitos, era a sua vida, sua poesia.



Figura 8. Two Underdrawers (1921).
Kurt Schwitters

Figura 9. The Cherry Picture (1921).
Kurt Schwitters

Apesar da collage ser obviamente anterior ao Surrealismo, é nesse período que ela vai finalmente se fixar na sua intenção de transformar o significado das imagens, mais do que ser ferramenta de representação. Aqui, ela é ação sobre a linguagem, é um meio de transformar o invisível em visível, extrapolando a materialidade dos objetos. A poesia está agora no centro de tudo. Segundo Sérgio Lima em entrevista para o canal COTV do Youtube (2010), o Surrealismo é mais do que uma corrente na arte, é na verdade uma visão de mundo, um meio de conhecimento. Sua postura perante à vida é de ruptura e expansão do olhar, já que segundo os surrealistas, lhes era permitido e dado apenas uma parcela de realidade. O surrealismo então não é irracional, como muitos pensam, e sim propunham a integração racional com aspectos mais oníricos, inconscientes, emocionais e espontâneos da nossa natureza, para que fosse possível então, experienciar mais realidade.

“Não se tratava de opor um universo fantástico à realidade, mas de conciliar esta com o processo ilógico dos estados delirantes ou oníricos, para formar uma ‘sobrerrealidade’. O Surrealismo não é verdadeiramente o fantástico, é uma realidade superior onde todas as contradições que atormentam o homem são resolvidas ‘como num sonho’.” (ALEXANDRIAN, 1976, p.52)

Além do dadaísmo, que foi grande influência para os surrealistas, a arte visionária, primitiva e psicopatológica também foram importantes precursores do movimento. O primeiro, buscava representar o mundo a partir de visões evocadas pelo espírito, ou seja, para além da experiência racional e portanto, ricos simbolicamente. Porém, Sarane Alexandrian afirma que

“O que é constante na maior parte destes artistas visionários é o facto de só terem podido desenvolver as suas faculdades a partir de temas inspirados na mitologia greco-romana, na Bíblia ou no anedótico quotidiano; os surrealistas distinguir-se-ão deles por quererem inventar a sua própria mitologia ou ir buscá-la a fontes ainda inexploradas.” (ALEXANDRIAN, 1976, p.25)

Da arte primitiva, os surrealistas apreciavam o misticismo e os enigmas que continham nas artes, objetos e rituais dos povos originários, como por exemplo os oceânicos, índios norte americanos, esquimós e civilizações pré-colombianas. Os cubistas também buscaram influência nesses povos, principalmente naqueles de matriz africana, porém enquanto focavam na solução plástica que eles adotavam em suas máscaras, por exemplo, os surrealistas tinham interesse e curiosidade em entender os espíritos que ditavam essas formas.

Sobre a arte psicopatológica, o autor alega que

“...é um campo que o Surrealismo foi o primeiro a utilizar, vendo nele uma reserva inesgotável de obras autênticas, que não são motivadas pela preocupação de agradar ou pelo interesse material, nem pela ambição artística, mas apenas pela necessidade irreprimível de deixar brotar uma mensagem vinda das profundezas do ser.” (ALEXANDRIAN, 1976, p.28)

Fazem parte dessa categoria as pinturas dos médiuns e dos alienados, que evidencia tanto a genialidade do conteúdo do subconsciente, quanto de certa forma comprova sua existência, chamando atenção dos surrealistas. Portanto,

“Para compreender os artistas surrealistas é preciso saber que todos consideravam a arte não como um fim em si, mas como um meio de valorizar o que demais precioso, mais secreto e mais surpreendente há na vida. Eles não pretenderam ser nem artesãos nem estetas: apenas inspirados e jogadores.” (ALEXANDRIAN, 1976, p. 8 e 9)

O surgimento da corrente se dá com André Breton em Paris na década de 20, onde ele orientava em seu ateliê, pesquisas do grupo para a escrita automática (ALEXANDRIAN, 1976). Esse método consistia em escrever rapidamente e sem interrupções, ultrapassando a razão e o mundo exterior, para que assim fosse possível acessar o material existente no nosso espírito, para além do pensamento. Breton foi também estudante de medicina e interessado em renovar a psicologia a partir de dados psiquiátricos, se aproximou das teorias de Freud. Ele buscava usar princípios da psicanálise não para fins terapêuticos, mas sim como ferramenta de exploração da linguagem poética do inconsciente. Além disso, se pararmos para analisar a construção do sonho, que ganhou atenção especial dos surrealistas, veremos que sua lógica de fragmentos de imagens vindas do inconsciente se assemelha muito com os fundamentos da própria collage.

Em 1924, Breton escreve o Manifesto do Surrealismo, anunciando de forma apaixonada suas ideias, entoando “... um hino de entusiasmo à imaginação, fonte de eterna juventude do homem, envergonhando os adultos por perderem com o tempo o poder de divertimento da infância...” (ALEXANDRIAN, 1976, p.51).

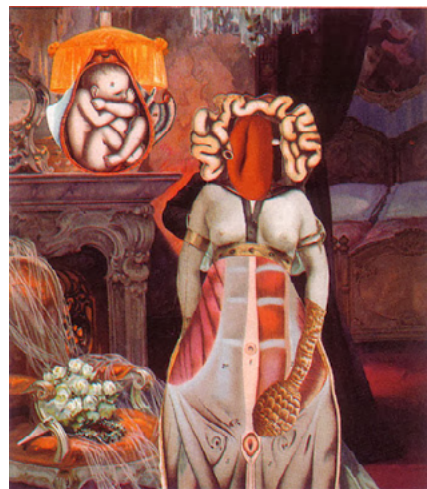


Figura 10. L'esprit de Locarno (1929).
Max Ernst

Figura 11. Marriage (1934).
Jindrich Styrsky

Interessante notar no surrealismo a relação com as teorias junguianas do inconsciente, apesar de ter prevalecido as freudianas devido ao fato dos seus conceitos terem sido os primeiros e mais difundidos na época. Entretanto, irei me adentrar no próximo capítulo apenas nas ideias do primeiro, por considerá-las mais compatíveis à reflexão que proponho. Enquanto Freud separa a consciência do inconsciente, Jung defende que não existe dualismo e que essas esferas deveriam ser vividas juntas. (WURZBA, 2019)

Encontra-se forte uso da técnica da colagem também em movimentos como o construtivismo russo e a popart. Na revolução Russa de 1917, surge o Construtivismo, onde a arte era pensada mais como uma construção do que de fato uma representação, dando mais importância a sua funcionalidade. As colagens aparecem sobretudo para ilustrar livros de escritores russos e para fins políticos. Além disso, os construtivistas, por questões ideológicas, queriam que suas obras estivessem mais presentes no cotidiano do proletariado, sendo assim menos elitista. É característico desse movimento o uso de elementos geométricos, cores primárias, fotomontagem, predominância da diagonal e tipografia sem serifa, tendo grande influência nas vanguardas européias e no design moderno. Através do artista Vladimir Tatlin, que em uma viagem para Paris teve a oportunidade de conhecer o trabalho dos cubistas, a colagem ganhou um outro patamar com os seus reliefs, onde ele explorava ao máximo a materialidade dos objetos, fazendo

esculturas totalmente abstratas e que foram posteriormente objetos de estudo na Bauhaus e para artistas do De Stijl, por exemplo. Segundo Fuão (2011),

“Com os reliefs, Tatlin mostrava uma intencionalidade completamente distinta dos papier collés. Tatlin representava com eles a possibilidade de liberar os materiais, o ferro, a madeira, o vidro de suas características materiais para levá-los a um novo contexto, onde se mostram por suas possibilidades funcionais construtivas e estética.” (FUÃO, 2011, p.104)



Figura 12. Photomontage (1922).
Alexander Rodchenko



Figura 13. A Yankee in Petrograd
(1924). Alexander Rodchenko

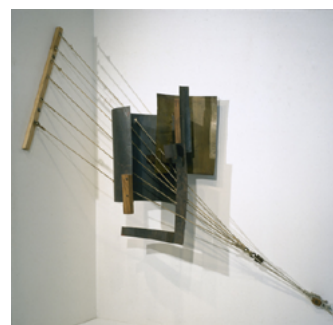


Figura 14. Corner Counter-Relief
(1914). Vladimir Tatlin

Um pouco mais tarde, em meados dos anos 1950, nasce a Popart na Inglaterra e nos EUA, tendo como principal característica a ironização da sociedade de consumo e do famoso “American Way of Life”, reproduzindo e se apropriando de elementos da cultura de massa, tais como cinema, televisão, quadrinhos, revistas, anúncios publicitários, objetos de consumo etc, para expor o clichê dos costumes e das aparências do mundo contemporâneo (KROHN in BUSCH, 2013).



Figura 15. O que será que
torna os lares de hoje tão
diferentes, tão atraentes?
(1956). Richard Hamilton



Figura 16. Dr. Pepper (1948).
Eduardo Paolozzi

No Brasil, pode-se observar o uso da colagem a partir dos anos 50, com seus precursores: Jorge de Lima, Tereza D'Amico, Lina Bo Bardi e Athos Bulcão, além do primeiro grupo Surrealista do Brasil, estruturado por Sérgio Lima nos anos 70 (FUÃO, 2011).

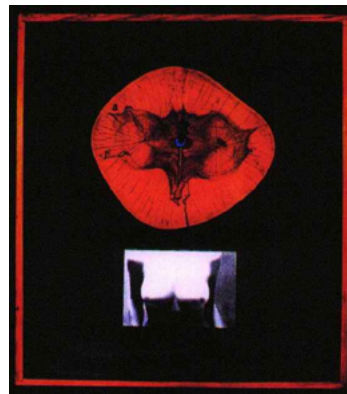


Figura 17. Orixá (1961).
Tereza d'Amico

Figura 18. A pintura em pânico (1943).
Jorge de Lima

Figura 19. La lupa (1983).
Sérgio Lima

Fica claro ao longo da história da collage, que ela está intrinsecamente associada tanto a reutilização quanto a apropriação de materiais que já existem no mundo. Atualmente, nós contamos com muito mais recursos visuais para essa reciclagem, devido ao desenvolvimento cada vez maior dos aparelhos fotográficos e das gráficas que, conseqüentemente, aumentaram o número de resíduos impressos. Isso fez com que surgisse também uma variedade de artistas que a trabalham de forma única e inusitada, cada um com sua própria linguagem. A collage atravessa todos os movimentos de vanguardas modernistas e esses sobreviveram no pós-guerra e até hoje influenciam as novas manifestações visuais. Voltar a dar sentido/vida às coisas, é valorizar e descobrir as sutilezas naquilo que perdeu a sua utilidade. E mais: **é um ato necessário diante dos excessos que se acumulam no mundo.**



CAPÍTULO 2

COLLAGE E O INCONSCIENTE

*[...] a função da consciência é não só a de reconhecer e assumir o mundo exterior através da porta dos sentidos, mas traduzir criativamente o mundo interior para a realidade visível **

– Carl Jung

2.1. SONHOS, SÍMBOLOS E ARQUÉTIPOS NA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Vivemos em uma sociedade misoneísta, ou seja, que possui um enorme medo de tudo aquilo que é novo e desconhecido. Assim como Darwin foi criticado ao revelar suas ideias, a psicologia moderna também sofreu e ainda sofre com esse obstáculo. A verdade é que a nossa vida interior é imprecisa, mas vasta e, mesmo assim, muitos preferem se manter alheios à sua exploração.

* no livro “A natureza da Psique”

Um dos mais importantes nomes da psicologia moderna foi Carl Gustav Jung, um psiquiatra suíço nascido em 1875 e fundador da psicologia analítica ou complexa, na qual destaca a importância da análise não só da psique individual (aspectos inconscientes e conscientes), mas também a influência da humanidade e dos seus simbolismos para a mesma. Jung desenvolveu um pensamento que ia para além da clínica, já que sua maior preocupação era com o homem moderno que, segundo ele, estava afastado de suas bases e olhando o mundo pelas lentes erradas, como afirma a psicóloga especialista em psicologia analítica, Lilian Wurzba (2019).

Em um mundo cuja ênfase se dá no racionalismo, no cientificismo, na técnica e na tecnologia, privilegiando aquilo que é controlável, programável e eficiente, a teoria junguiana vem para mostrar também a importância do criativo, do sensível e espontâneo. Vivemos atualmente sob princípios duais e polarizados, onde uma esfera é dissociada da outra. Bem x mal, fora x dentro, mundo material x mundo psíquico. Superar, integrar e entender a dualidade como aspectos que devem andar juntos e em equilíbrio constitui a principal forma de trabalhar o sofrimento humano. Negligenciar um lado não faz com que ele deixe de existir, só não entendemos como ele se manifesta. Esses afetos não vivenciados e não percebidos como algo que tem sentido e que deve ser integrado, acabam se expressando através de doenças físicas e/ou psíquicas (WURZBA, 2019). Por isso a importância das diferentes formas de expressão, como por exemplo nas artes em geral, já que se expressar é lidar com a criação e a ampliação da nossa consciência.

Essa assimilação é necessária pois, se vivermos somente pelas lentes externas, viveremos sempre com a frustração de abastecer as expectativas do que a sociedade espera de nós. Já se vivermos só do lado de dentro, nos isolamos do resto do mundo e da realidade. Nosso desenvolvimento se dará através da navegação entre os dois. Acontece que atualmente experienciamos um desequilíbrio, onde nosso olhar está o tempo todo direcionado para fora. Situação essa que se agrava com as redes sociais, como será explicado posteriormente. Segundo Jung (2016), os sentidos humanos são limitados e por isso nossas percepções do mundo à nossa volta também acabam por comprometidas. Desenvolveu-se ao longo da história aparatos para suprir esse déficit e maximizar nossas experiências, como por exemplo binóculos, aparelhos de som e objetivas de câmera, mas mesmo com toda tecnologia, não se é capaz de transpor nosso entendimento para além do âmbito racional. Entretanto, tudo o que experienciamos na realidade, não tem apenas um impacto na nossa consciência, mas também as absorvemos subliminarmente no inconsciente, embora opte-se muitas vezes por ignorar o fato. É como se o primeiro tivesse capacidade limitada de armazenamento, enquanto o segundo possuísse um vasto universo, que frequentemente é

encarado pelo senso comum como um sintoma patológico, conforme explica Jung:

“Quando se discute esse assunto traz-se, habitualmente, o testemunho da observação clínica. Por essa razão, muitos críticos alegam que o inconsciente e todas as suas sutis manifestações pertencem unicamente à esfera da psicopatologia. Consideram qualquer expressão do inconsciente um sintoma de neurose ou de psicose, que nada teria a ver com o estado mental normal. Mas os fenômenos neuróticos não são, de modo algum, produtos exclusivos da doença. São, na verdade, apenas exageros patológicos de ocorrências normais; e é apenas por serem exageros que se mostram mais evidentes do que seus correspondentes normais.” (JUNG, 2016, p.36)

Aqueles que recusam a existência dessa camada mais subterrânea, como algo intrínseco à natureza humana, acabam por afirmar que se têm então total conhecimento da psique. Seria o mesmo que dizer que se sabe tudo sobre a mecânica do universo. Esquece-se que o ser humano faz parte da natureza e portanto também é composto por enigmas que são impossíveis de desvendar em sua totalidade. Nossa psique é como se fosse uma relação do micro para o macrocosmos.

Para aqueles que ainda rejeitam essa ideia, Jung apresenta um exemplo simples, como quando estamos prestes a falar algo a alguém e subitamente nos foge o que pretendíamos. Falaremos que não nos lembramos, mas na verdade o pensamento se tornou, mesmo que momentaneamente, separado do consciente. “Parte do inconsciente consiste, portanto, de uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes.” (JUNG, 2016, p.35)

Isso acontece, pois não somos capazes de armazenar todos os acontecimentos que são vivenciados o tempo todo. Imagine lembrar-se de tudo que é falado, escutado, provado, sentido e visto? Frequentemente nossa atenção se desvia, o estímulo não é forte o suficiente para ser registrado no consciente ou o pensamento perde energia emocional. Entretanto, o inconsciente é responsável por anotar e guardar tudo. Essas percepções subliminares não deixam de existir e na verdade tem tamanha influência na forma pela qual agimos e reagimos aos acontecimentos no nosso dia a dia. Por esse motivo às vezes somos surpreendidos com uma lembrança repentina de um acontecimento ou sensação que achávamos ter esquecido. Basta um pequeno estímulo para que essas recordações se desencadeiem, já que é um constante fluxo entre essas duas camadas. Como exemplifica Walter Benjamin a partir das palavras de Proust em Sobre alguns temas em Baudelaire: “...o passado encontrar-se-ia ‘em algum objeto material qualquer, fora do âmbito da inteligência e de seu campo de ação. Em qual objeto, isso não sabemos. E é questão de sorte, se nos depararmos com ele antes de morrermos ou se jamais o encontramos”.

(PROUST apud BENJAMIN, 1989, p.2)

SÍMBOLOS E SONHOS

Diante da imensidão e do desconhecido do inconsciente e do universo que nos cerca, coisas pelas quais ainda não se pode compreender integralmente, o ser humano sempre precisou simbolizar esses aspectos que não conseguia explicar de outra forma. Assim, conforme nos ensina Jung:

“Nessa época de convulsões sociais e mudanças drásticas é importante sabermos mais a respeito do ser humano, pois muitas coisas dependem das suas qualidades mentais e morais. Para as observarmos na sua justa perspectiva precisamos, porém, entender tanto o passado do homem quanto o presente. Daí a importância essencial de compreendermos mitos e símbolos.” (JUNG, 2016, p. 69)

Para Jung (2016), o símbolo é a melhor representação possível de algo que é desconhecido, mas sabido como existente. São imagens ou palavras que possuem uma dimensão oculta mais ampla. Ele traz um aspecto da consciência (no qual podemos identificar) e um do inconsciente (o mistério que faz parte da vida). Por esse motivo, as religiões e os mitos sempre se utilizaram da linguagem simbólica, assim como o homem primitivo também buscava assim explicar os fenômenos do mundo. Isso permitiu que a sua relação com a natureza fosse mantida, já que continha significado e valor para eles. Ademais, os mitos são ricos e verdadeiros enquanto metáforas e, por isso, nos ajudam a compreender o nosso funcionamento individual e coletivo através dos símbolos e arquétipos.

Nós perdemos esta forma de compreensão do mundo ao longo do tempo, fazemos uma descrição racional de tudo, rompendo a conexão antes existente entre a ciência e a espiritualidade. Mas o uso consciente que a humanidade faz desses símbolos revela que a psique é capaz de produzi-los inconscientemente e espontaneamente através dos sonhos. Além disso, o símbolo é um importante mecanismo psicológico de transformação da energia psíquica e vital, pois amplia a consciência através da união com o inconsciente, reestruturando assim a nossa harmonia. Os sonhos, sendo um fácil acesso a esse conteúdo oculto, se tornam uma importante função complementar (ou compensatória) da nossa constituição psíquica (JUNG, 2016).

Infelizmente, tendemos a nos manter céticos em relação a esse material onírico, pois não se expressam de forma direta como estamos acostumados e, justamente por ser rico em metáforas e simbolismos, é dado como “fantasioso” ou insignificante. No mundo primitivo, ao contrário, não existem essas fronteiras tão rígidas. Essa consciência mística é algo natural que foi perdido na nossa sociedade “racional”. Enxergar a importância dos sonhos

é conseguir também retornar aos nossos aspectos mais intuitivos e sensíveis, ampliando nossa capacidade de fazer associações e assim, de nos entendermos de forma mais integral.

Para Jung (2016), não existem fórmulas prontas para a análise e interpretação dos sonhos, já que além de possuírem um grande teor simbólico, seus significados variam conforme a vivência e personalidade de cada pessoa. Além disso, eles carregam tanto aspectos inconscientes do indivíduo que sonha, quanto aspectos da própria humanidade, através dos arquétipos. Estas seriam as bases na nossa mente, a herança histórica do espírito humano. Assim como os animais nascem com impulsos e instintos, nós, seres humanos e também partes da natureza, não somos diferentes disso. Possuímos também tendências instintivas, que se manifestam de formas singulares conforme as diferenças geográficas e culturais, mas que continuam tendo uma mesma configuração original nas suas representações. Por mais que se tente ignorá-los, eles ainda continuam nos influenciando inconscientemente.

“Chamamos de instinto os impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, esses instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas por meio de imagens simbólicas. São essas manifestações que chamo de arquétipos. A sua origem não é conhecida; e eles se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo - mesmo onde não é possível explicar a sua transmissão por descendência direta ou por “fecundações cruzadas” resultantes da migração.” (JUNG, 2016, p. 83)

Assim, podemos observar que certas expressões simbólicas se repetem em várias civilizações diferentes, da mesma forma que temos padrões comportamentais e psíquicos enraizados. O homem não vem ao mundo com uma psique vazia, pois essa não se constitui apenas de aspectos conscientes, mas carrega também o legado inconsciente de toda a evolução. Esses símbolos arquetípicos podem aparecer nos nossos sonhos e por isso a importância de conhecer a nossa história enquanto espécie. Além disso, Jung ressalta a importância desses símbolos numinosos para a nossa vida, já que são fonte de grande energia psíquica e alerta às consequências de erradicar essas ideias. Ao destruir o nosso potencial de reagir aos arquétipos, perdemos a nossa humanidade, nos dissociamos do resto do cosmos e não temos mais a capacidade de identificação emocional com a natureza. Por essa razão vivemos em tempos de grande desorientação. Diante desse cenário, curar dentro de si a dissociação, seria o grande desafio e também a nossa salvação.

2.2. SOULCOLLAGE COMO FERRAMENTA DE AUTOCONHECIMENTO

“Certa vez, ouvi uma mulher muito sábia descrever a beleza e o valor de uma vida feita à mão, uma vida que é conscientemente montada a partir de pedaços que você mesmo seleciona e constrói juntos” (FROST, 2017, po. 55)*

Soulcollage é a técnica dentro da arteterapia desenvolvida pela americana Seena Frost (2017), na qual se utiliza a colagem analógica como ferramenta de autoconhecimento e autoanálise. Seu estudo foi baseado nas teorias de Carl Gustav Jung, James Hillman e Joseph Campbell, conseguindo assim unir aspectos psíquicos, míticos e espirituais na prática.

Soulcollage significa em português, “colagem da alma” e é através da criação de cartões pessoais que a pessoa ou o paciente consegue ativar a intuição e a imaginação, dialogar com o inconsciente e produzir imagens que revelam coisas subterrâneas do nosso ser. Deve-se interagir e dar voz às cartas feitas, descobrindo o que ela pode estar revelando para você através da escrita criativa. As imagens escolhidas, muitas vezes inconscientemente, tiradas de seu contexto original, se tornam ricas em simbolismos e por isso é tão importante essa interação com a colagem pronta.

“colagem é uma metáfora para qualquer descoberta, reunião e recriação de pedaços de energia já formados e presentes no universo. Uma criação nova e pessoal pode ser feita a partir do caos divino onipresente de imagens ao nosso redor. Basta escolher, montar, nomear e, em seguida, habitar seus cartões Soulcollage.” (FROST, 2017, po. 117) **

As cartas são feitas em uma base de papelão de 13 x 20cm e cada uma deve possuir apenas um Néter, que seria a energia que está mais dominante na colagem. A palavra Néter vem dos egípcios antigos e quer dizer energia, presença, guia, aliado ou desafiador, tendo sido escolhido por Frost pelo seu caráter misterioso e paradoxal.

“Outra razão pela qual gosto da palavra Neter é porque a pequena palavra rede está embutida nela. Uma rede é um símbolo paradoxal com diferentes “energias”, assim como nossos Neters. Uma rede pode nos salvar se cairmos. Uma rede pode proteger e segurar-nos enquanto descansamos. No entanto, uma rede também pode nos restringir e impedir que sejamos livres. As redes podem ser maravilhosas ou ameaçadoras. Seus Neters são os mesmos.” (FROST, 2017, po. 152) ***

Minha tradução livre para:

* “I once listened to a very wise woman describe the beauty and value of a hand-crafted life, a life that is consciously assembled from pieces that you yourself select and craft together”

** “Collage is a metaphor for any discovering, gathering, and reweaving of energy-bits already formed and present in the universe. A new and personal creation can be made from the ever-present divine chaos of images all around us. Just choose, assemble, name, and then inhabit your Soulcollage cards.”

*** “Another reason that I like the word Neter is because the little word net is embedded in it. A net is a paradoxical symbol with different “energies”, just as our Neters are. A net can save us if we fall. A net can protect and hold us as we rest. Yet a net can also restrict us and prevent us from being free. Nets can feel wonderful or they can feel threatening. Your Neters are the same.”

Além disso, as cartas são categorizadas em 4 diferentes naipes: o Comitê Pessoal, a Comunidade Afetiva, o Conselho Arquetípico e os Companheiros Energéticos. Há também 3 cartões que não possuem nenhum naipe, Néter e nem voz a ser intuída, sendo elas a Fonte, a Essência e a Testemunha.

O Naipe Comitê Pessoal, acessa a dimensão psicológica da Alma e fala sobre questões internas ou da personalidade da pessoa. É denominado também como o naipe da “Minha Família Interna”, já que nós somos constituídos de diferentes partes e características, assim como os membros de uma família.

O Naipe Comunidade Afetiva fala sobre nossas relações externas com outras pessoas ou animais, nos quais podemos conhecer pessoalmente ou não, mas que tenham de alguma forma transformado, desafiado ou inspirado as nossas vidas, acessando a dimensão comunal da Alma. Eles são os nossos aliados locais, podendo ser professores, autores, membros da família, amigos, curadores, animais de estimação, figuras religiosas ou políticas etc.

O Naipe do Conselho Arquetípico fala de padrões profundos da psique, abrangendo todo o inconsciente coletivo, que através de energias numinosas e universais, formou e forma a história humana. A Morte, O Amor, A Anciã são exemplos dessas energias arquetípicas, que entram em contato com a natureza espiritual da Alma. Além disso, os Néters neste naipe podem ter nomes mitológicos, religiosos, de alguma tradição cultural ou da própria imaginação.

O último Naipe, o dos Companheiros Energéticos, trata de Néters invisíveis que são descobertos através do processo de imaginação guiada (meditação), onde há a visualização de animais que residem nos sete centros de energia do corpo, os chakras. Assim, os cartões resultantes representam as energias físicas do corpo.

Além dos 4 Naipes, o baralho de Soulcollage ainda conta com três cartas Transpessoais, que possuem uma dimensão mais ampla e sutil, onde não é necessário uma voz ser intuída, já que elas são o que são. Essas cartas estão para além de descrição, pois falam do mistério, do sagrado e por isso, não tem forma e não usam Néters como nos outros cartões. Porém, como elas não deixam de ser representadas por imagens, deve-se tentar chegar o mais próximo da ideia da carta.

A Fonte é a carta central do baralho e aponta para O Ser infinito e sem forma, do qual todas as forças se manifestam e para o qual todas retornam, movimentando-se em direção ao Todo. Já a Essência da Alma simboliza a centelha da Fonte que existe em cada coisa viva, contendo o código dessa forma única e do seu potencial de vida. E por fim a carta da Testemunha, que expressa nossa capacidade de olhar para nós mesmos, sem julgamento, como uma forma multifacetada. É o potencial de consciência em todo ser humano. Essa carta trabalha como uma espécie de espelho, pois nos fala por meio do nosso self observador, como se déssemos um passo para trás para nos vermos. Junto a estas três cartas Transpessoais, o baralho pode ser aumentado cada vez mais ao longo do tempo.

Além disso, todas as cartas dos 4 Naipes possuem também seu aspecto na Sombra. Segundo Frost, “todo Neter existe em uma forma [...] E toda forma, em virtude de existir, tem o potencial de projetar uma sombra.” (FROST, 2017, p. 162)*. Assim, todo Neter produz uma forma, seja ela energética, física, mental ou conceitual. Entretanto, não se trabalha com a dualidade na Soulcollage, então a sombra não é o oposto ou o lado “ruim” da carta, é na verdade ou o exagero de sua melhor energia (muito dela) ou a falta da mesma (pouco dela). Como Seena Frost segue a linha junguiana da psicologia, ela aponta para a importância de acolher e entender as sombras, buscando equilibrá-las para que estas se manifestem cada vez menores.

As cartas de Soulcollage podem ser usadas como um oráculo pessoal, auxiliando no dia a dia ou dando conselhos a perguntas feitas através de diferentes tipos de tiragem. Vale ressaltar, que o baralho é inteiramente pessoal e não deve ser utilizado com outras pessoas. Além disso, não se deve comercializá-las, já que os símbolos ali contidos, ao contrário do Tarô, por exemplo, dizem respeito apenas àquele que o fez.

Compartilho agora um pouco da minha experiência pessoal com a técnica de Soulcollage, durante o curso introdutório que realizei no final de 2020, na escola de arteterapia da professora e terapeuta Ligia Diniz.

* Minha tradução livre para: “every Neter exists in a form [...] And every form by virtue of existing has the potential to cast a shadow.”

Abaixo, algumas das cartas que desenvolvi ao longo do curso:



Figura 20. Lilith | Naipe Conselho Arquetípico

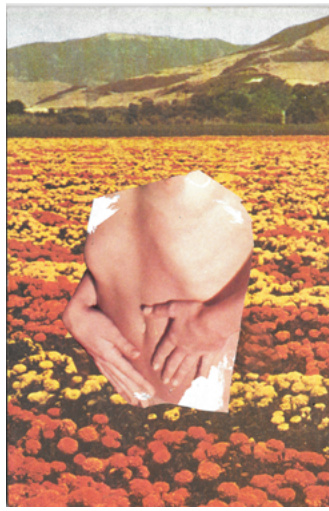


Figura 21. Essência da Alma



Figura 22. Tereza | Naipe Comunidade Afetiva



Figura 23. Entrega | Naipe Comitê Pessoal



Figura 24. A Fonte



Figura 25. Recolhimento | Naipe Comitê Pessoal



Figura 26. Ponto de Equilíbrio | Naipe Comitê Pessoal



Figura 27. Potencial Criador | Naipe Comitê Pessoal

Abaixo, mais alguns exemplos também com a “voz a ser intuída”:



Figura 28.

TRANSCENDER A DUALIDADE |
NAIPE COMITÊ PESSOAL

Eu sou alguém que compreende a importância de identificar, aceitar e equilibrar as forças opostas dentro de mim [...]



Figura 29.

OLHOS QUE TUDO VEÊM (6º CHAKRA) |
NAIPE CONSELHEIROS ENERGÉTICOS

Eu sou aquele que vê através dos olhos da intuição. Aquele que busca distanciar o olhar em uma visão mais ampla de território, para depois fazer o movimento de reaproximação [...]

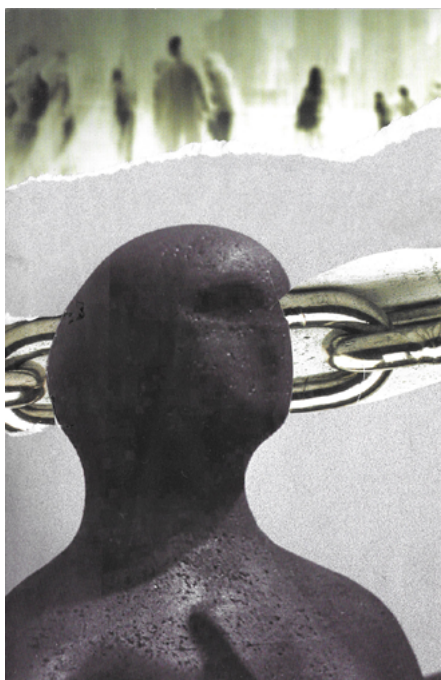


Figura 30.

INÉRCIA | NAIPE COMITÊ PESSOAL

Eu sou aquele que através do medo, se acorrenta em ilusões, fazendo com que eu paralise e me desconecte da minha própria natureza [...]



Figura 31.

TEMPO NA PELE | NAIPE
COMUNIDADE AFETIVA

Eu sou alguém que carrega com sabedoria o tempo na pele, que tem orgulho das próprias raízes e da própria história. Eu sou aquele que coloca afeto no fazer manual [...]



CAPÍTULO 3

A ERA DA INFORMAÇÃO E DA PROFUSÃO DE IMAGENS

A capacidade imaginativa do sonhador foi implacavelmente erodida, e o papel do visionário foi deixado para uma minoria tolerada de poetas, artistas e loucos. A modernização não poderia continuar em um mundo povoado por um grande número de indivíduos que acreditavam no valor ou potência de suas próprias visões ou vozes internas. – Jonathan Crary*

3.1. O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO E A LÓGICA 24/7

Para que possamos nos desenvolver enquanto indivíduos e compreender a nossa psique de forma mais integral, é fundamental também nos atentarmos aos processos externos que nos influenciam enquanto sociedade. Assim, se torna relevante, devido às radicais transformações que ocorreram nas últimas décadas, explicar brevemente como se deu o processo de modernização.

* no livro “24/7: Capitalismo e os Fins do Sono”

A primeira etapa, a modernidade sólida, é caracterizada pela vontade de construir bases mais fortes que as do passado e as até então estabelecidas, em um novo modelo de sociedade fundamentado na razão, com influência do iluminismo. Foram dois momentos principais: A revolução francesa, onde houve a queda do antigo regime e a formação de uma nova base política, e a revolução industrial, que transformou radicalmente a quantidade e a velocidade das mercadorias produzidas. Segundo Bauman, “Era uma época que pretendia impor a razão à realidade por decreto, remanejar as estruturas de modo a estimular o comportamento racional e elevar os custos de todo comportamento contrário à razão tão alto que os impedisse.” (BAUMAN, 2001, p.54) Ou seja, o paradigma desse período é marcado por firmes e impenetráveis fronteiras, onde a ordem era estabelecida através da regularidade, monotonia, repetição e previsibilidade. O sistema de produção fordista, que separava os aspectos intelectuais dos manuais no trabalho, é o exemplo clássico desse momento.

Porém, na segunda metade do século XX, o rumo da modernidade se transformou com o avanço da tecnologia das comunicações e a globalização, que se juntaram em uma decepção com os modelos sólidos criados, devido às crises na democracia e a incapacidade do mercado de lidar com a desigualdade.

A partir disso surge o que Bauman chama de modernidade líquida. Através da metáfora de sólidos e líquidos ele explica como se dá o desenvolvimento da estrutura social: Antes, assim como os sólidos, tínhamos um modelo estável, de forma bem definida, duradoura e que demandava esforço e energia para reorganizar as suas partes. Atualmente, vivemos uma liquidez cada vez maior, caracterizada pela sua instabilidade, forma passageira, efêmera e a fácil mobilidade, onde vários aspectos da sociedade estão em constante transformação, inclusive a nossa percepção do tempo.

Junto a isso, chegamos em um novo mecanismo de controle da vida na qual em seu livro, Jonathan Crary (2014) vai chamar de 24/7 (24 horas, 7 dias por semana), onde nossas experiências e necessidades humanas, tais como fome, sede, desejo sexual e amizade, foram e estão sendo colonizadas pelo capitalismo. Nesse cenário, o sono seria talvez, o nosso último espaço/ tempo restante de autonomia, já que nenhum valor produtivo pode ser extraído de nós enquanto dormimos.

Com o avanço cada vez maior do racionalismo a partir do século XVII, o sono se tornou incompatível com os ideais modernos de produtividade para o funcionamento da mente e da busca por conhecimento. Assim, diversos filósofos e pensadores passaram a desprezar

o sono como função mais primitiva e inferior do nosso funcionamento. No livro *Tratado da natureza humana* de Hume, por exemplo, o sono é apresentado como um obstáculo ao conhecimento e comparado à febre e à loucura (CRARY, 2014, p.13). Atualmente, essa mentalidade ainda está em vigor e, por isso, há cada vez mais a degradação do sono, com o objetivo de manter-nos produtivos por mais tempo.

“A ideia de um aparelho em modo de consumo reduzido e de prontidão transforma o sentido mais amplo do sono em uma mera condição adiada ou diminuída de operacionalidade e acesso. Ela supera a lógica do desligado/ ligado, de maneira que nada está fundamentalmente ‘desligado’ e não há nunca um estado real de repouso.” (CRARY, 2014, p.14)

Não é à toa que existem tantas alusões ao que Crary chama de “sonambulismo em massa” no cinema, por exemplo. Vivências do cotidiano realizadas quase em um transe, como se as pessoas agissem no automático e não se dessem mais conta do porquê fazem o que fazem. Há também alguns casos onde a política e a religião se apropriaram da metáfora do “despertar” ao se referir a tomada de consciência para uma nova realidade até então desconhecida. Paradoxalmente, os mesmos são muitas vezes os responsáveis por esse entorpecimento. Além disso, em uma sociedade onde o sono é cada vez mais impedido, de que modo iremos então acordar? Privar-nos de dormir se torna também uma estratégia de controle, já que além de ser uma necessidade vital para o nosso organismo se regular e se manter saudável, é também através dos sonhos que produzimos ricos símbolos que ajudam a nossa psique, como foi explicado anteriormente através da teoria junguiana. Portanto, só se pode despertar, se antes você dormir.

Em 24/7 o autor também aponta um cenário onde há a incapacitação da nossa experiência visual, já que a uniformidade e a aceleração às quais estamos constantemente expostos, não nos permitem ter uma percepção diversa do mundo visível. É como se vivêssemos em um estado contínuo de clarão e por isso, não somos capazes de observar as diferenças tonais entre as imagens. Assim, absorvemos visualmente os conteúdos no meio digital de forma cada vez mais superficial, paradoxalmente em um mundo que produz mais imagens.

Isso porque, não há tempo para contemplação e reflexão, já que crescem até mesmo as áreas de pesquisa relacionadas à interação e usabilidade digital, dedicadas a reduzir o nosso tempo de tomadas de decisões. Cada movimento em uma singela visita a um site na internet pode ser milimetricamente monitorado pelas grandes empresas através de rastreamento ocular e assim elas entendem o nosso perfil de consumo, podendo predeterminar nossas ações e escolhas futuras. Ponderar leva tempo e como o velho jargão já dizia, tempo é dinheiro.

Com as redes sociais, essa situação se agrava, já que temos experiências homogeneizadas, filtradas e mercantilizadas, onde precisamos nos enquadrar em um modelo predeterminado:

“A padronização da experiência em tão larga escala, [...] implica a perda da identidade e da singularidade subjetivas; também conduz ao desaparecimento desastroso da participação e criatividade individuais na construção dos símbolos que trocamos e compartilhamos entre nós.” (STIEGLER apud CRARY, 2014, p.36)

Deste modo, não sabemos mais o que é genuinamente nosso e o que nos é condicionado. Isso uma vez que somos agora uma sociedade de consumidores, onde o centro da vida é o consumo, logo, tanto as relações, como também a forma como as pessoas veem a si mesmas e projetam a sua imagem para os outros, mudaram (BAUMAN, 2008). Em outras palavras, podemos dizer que o consumo sempre existiu, mas não é mais uma questão de sobrevivência e sim, da estrutura e organização da sociedade. Assim, sofremos um processo de comodificação, ou seja, o consumo transforma agora o consumidor em mercadoria. Nessa lógica, tentamos comprar os “produtos certos” para criarmos a propaganda desejada de nós mesmos, sendo as redes sociais as grandes vitrines para “vendermos” nossa imagem. Além disso, na onipresença da internet, criamos a nossa própria distopia: vigiamos uns aos outros o tempo todo, o “Grande Irmão” da realidade. Uma sociedade que pune, mas que não é capaz de olhar para si.

Um mundo com a ilusão de progresso, valorização da máxima eficácia, em uma contínua busca por alcançar o inalcançável, e onde se é exigido cada vez mais em menos tempo. Não há espaço para demonstração das próprias fraquezas e angústias, já que a vulnerabilidade é vista como inadequação. Construiu-se um modelo onde trabalhar sem limites é prestígio e movimentar-se, fazer algo, avançar, progredir são quase que slogans da mentalidade 24/7, na qual a estabilidade é sinônimo de inação. Bauman também aponta para a ameaça dessa nossa incapacidade de parar, pois não nos é prometido nem a “realização”, nem o descanso: “A consumação está sempre no futuro, e os objetivos perdem sua atração e potencial de satisfação no momento de sua realização, se não antes. Ser moderno significa estar sempre à frente de si mesmo...” (BAUMAN, 2001, p.35) Assim, pode-se identificar um outro paradoxo da contemporaneidade, no qual o indivíduo é responsável tanto pelo seu sucesso quanto pelo seu fracasso, criando uma falsa ideia de que é possível obter cada vez mais sucesso através do próprio esforço. Entretanto, esse pensamento individualista e egoísta assume que no mundo todos possuem as mesmas oportunidades.

Outra consequência do capitalismo contemporâneo é trazida na análise de Luc Boltanski e Ève Chiapello (CRARY, 2014), onde é ressaltado que as barreiras entre a vida privada e profissional, trabalho e consumo, entretenimento e informação não mais existem, fazendo com que estejamos constantemente operando, interagindo, comunicando e processando algo nas redes. Sistema esse de uma temporalidade impossível, pois nesse universo sem interrupções, o desperdício, descarte e menosprezo daquilo que se consome segue na mesma lógica, já que sentimos a necessidade de acompanhar, mesmo que inconscientemente, esse fluxo, que é incompatível com a vida e insustentável diante da degradação da natureza. “a forma que a inovação assume no capitalismo é a simulação contínua do novo, enquanto as relações de poder e de controle existentes permanecem na prática as mesmas” (CRARY, 2014, p.30) Ou seja, temos a falsa sensação de estarmos no controle das nossas vivências e escolhas, quando na verdade somos submetidos à essas condições. Nos fazem crer que determinado produto é essencial ou que para nos mantermos atualizados devemos também renovar nossos aparelhos tecnológicos, por exemplo. Assim, a liberdade no capitalismo pode ser comprada e sua falta é vivida inconscientemente através da felicidade efêmera. Essa norma, além de tudo, também escancara a desigualdade vigente, já que nem todo mundo é capaz de acompanhar uma constante mudança. Portanto, pessoas, transformadas em produtos, se tornam descartáveis.

Além disso, houve um forte processo de desmaterialização das relações, principalmente por conta do aumento cada vez maior das redes sociais. Os encontros acontecem na espera e os diálogos fluem através da cooperação. Parece que hoje, não se tem mais a paciência para ouvir o outro e, com as vidas sempre voltadas para fora, o importante é dar a última palavra em qualquer diálogo.

“24/7 apresenta a ilusão de um tempo sem espera, de uma disponibilidade instantânea, de permanecer isolado na presença dos outros. A responsabilidade por outras pessoas que a proximidade implica pode agora ser facilmente contornada pela administração eletrônica de nossas rotinas e contatos diários. O mais importante, talvez, é que 24/7 causou a atrofia da paciência e da diferença individual que são essenciais a qualquer forma de democracia direta: a paciência de escutar os outros, de esperar nossa vez de falar.” (CRARY, 2014, p.80).

À vista disso, torna-se fundamental o entendimento de que fazemos parte desse modelo e, portanto, devemos tomar consciência desses fatores, para que não deixemos que as nossas vivências sejam dominadas e que as ideias sobre nós mesmos sejam impostas de fora. Com isso, considero que o problema não seja o consumo de produtos para a expressão da identidade, mas sim pautar quem somos com base exclusiva nesse consumo. Hoje, “ter” é necessário para “ser”, entretanto, ao virar a lógica ao contrário, talvez seja possível encontrar um equilíbrio na forma pela qual consumimos e produzimos esse mundo.

Desta forma, a verdadeira liberdade só se dará através da reflexão crítica e de uma educação emancipatória que irá construir indivíduos pensantes, capazes de questionar e refletir coletivamente a respeito das contradições do mundo, reconectando os abismos criados pelo processo de modernização, já que segundo Bauman, “Não há indivíduos autônomos sem uma sociedade autônoma...” (BAUMAN, 2001, p.47).

Além disso, em um mundo que reduz cada vez mais a distância entre o “hoje” e o amanhã”, nos colocando em um estado de contínua ansiedade, reivindicar o nosso direito à pausa e à contemplação é também re-trabalharmos nossa escuta e presença, necessárias para sufocar o sentimento de inquietação e insegurança que assolam a sociedade contemporânea. Assim, poderemos nadar em meio aos fluidos, tendo sempre onde fincar os pés quando preciso.

Importante ressaltar que não desconsidero o papel significativo que as redes sociais também cumprem quando se trata de facilitação e difusão da informação, além de servir muitas vezes como um espaço de troca e apoio. O ponto aqui é expor o desequilíbrio que vivenciamos hoje e suas consequências no modo que experienciamos o mundo.

3.2. A ARTE COMO FORMA DE DESACELERAR

Nos encontramos em um mundo fragmentado, onde as bipolaridades andam separadas, a lógica capitalista influencia todos os aspectos das nossas vidas e a ideia de predominância racional nos faz olhar e experienciar o mundo de forma linear e reduzida.

Para podermos reanimar o que parece estar atrofiado, devemos voltar a olhar para questões da nossa imaginação, memória e vida interior, encarando a arte como um projeto visionário para a criação de um novo tempo. A partir dela, teremos as condições de nos conhecermos profundamente, reassociarmos nossas partes antes separadas e garantirmos nossa liberdade individual. Assim, asseguramos também a nossa sobrevivência coletiva.

“Numa imagem poética a alma afirma sua presença” (BACHELARD, 1988, p.6) Gaston Bachelard, no livro a poética do espaço, propõe uma fenomenologia da imaginação para compreender a imagem poética. Para ele, essa imagem é relevo de um psiquismo e de uma repercussão da alma, pois revela o que há de mais profundo em nós. Assim, a arte, em suas várias linguagens, tem a característica de anúncio, já que através dela é possível se experienciar a criação de um novo mundo, do ser diferente no mesmo. Buscando compreender o fenômeno que ocorre durante o processo artístico, desde o devaneio até

sua execução, Bachelard aponta para a importância da dialética entre as ressonâncias e a repercussão, da consciência e do inconsciente. As ressonâncias seriam o ato de “ouvir”, do estar presente e atento aos estímulos em nossa volta, enquanto a repercussão seria o “falar”, expressar nossa própria existência. Na evolução da imagem poética, a poesia antecede o pensamento, mas não é como se o segundo não existisse, só é percebido subliminarmente.

“É depois da repercussão que podemos sentir as ressonâncias do nosso passado. Mas a imagem chega às profundidades antes de movimentar as superfícies.” (BACHELARD, 1988, p.7) Por isso, pode-se dizer que a intuição, em consequência das ressonâncias, nos guia para a criação da imagem poética, porém muitas vezes só nos damos conta da potência nos significados ali contidos após o seu resultado. Daí a importância do diálogo com a obra depois de sua repercussão, já que ela acaba nos revelando muito de volta, por se tratar de uma linguagem simbólica. No entanto, não se pode explicá-la pragmaticamente, pois não há uma totalidade objetiva em sua compreensão. Parte da ‘mágica’ da imagem poética é também ter uma parcela em aberto e a nossa tendência a encaixotar, rotular e enumerar tudo acaba por comprometer a poesia daquilo que se mantém oculto.

Vários pensadores, como Bachelard e Jung, recorreram à ideia da casa para representar nosso lugar no mundo, sendo sua imagem (produto da imaginação) a topografia do nosso ser íntimo e do princípio de integração psicológica. A casa é o nosso primeiro universo e por isso a importância em criar um vínculo com ela, pois quando passamos a conhecer os seus “aposentos”, aprendemos também a habitar nós mesmos. Jung no livro “O homem na descoberta de sua alma” diz:

“A consciência se comporta então como um homem que, ouvindo um barulho suspeito no porão, se precipita para o sótão para constatar que aí não há ladrões e que, por consequência, o barulho era pura imaginação. Na realidade, esse homem prudente não causou aventurar-se ao porão.”

(JUNG apud BACHELARD, 1988, p. 37)

A imagem da casa se dá de forma verticalizada, pois ela se eleva através das polaridades entre o porão e o sótão. No primeiro se dá a “edificação” dos pensamentos, ou seja, a racionalidade. Já no segundo, sua irracionalidade abre espaço para as potências subterrâneas do inconsciente e os seus sonhos, acabam por aumentar a realidade, pois edifica a estrutura até chegar na claridade do sótão. Vivemos em uma sociedade que tem medo de habitar a escuridão porão, onde lá é sempre noite. Novamente, não reconhecer esses territórios subterrâneos não faz com que eles deixem de existir, apenas não nos damos conta da maneira como se manifestam. Além disso, deve-se encontrar no interior da casa

a satisfação material, a fartura e o acolhimento, para então fazermos o movimento de sair da casa e confrontar a hostilidade do mundo externo. “Mas uma metafísica completa, que englobe a consciência e o inconsciente, deve deixar no interior o privilégio de seus valores.” (BACHELARD, 2010, p.202)

Assim, Bachelard aponta a importância do devaneio para localizarmos nossos espaços de intimidade e a acessarmos com profundidade nossas lembranças, promovendo assim a integração entre o consciente e o inconsciente. Essa meditação poética nos ajuda a repousar no passado e a escutar a voz no fundo de nossas memórias, pois tem a tranquilidade necessária para um estado de reflexão profunda. As lembranças se depuram com o devaneio poético, pois a casa onírica atinge nesse momento, uma sensibilidade extrema, fruto de um fluxo de pensamento não linear.

“...o desempenho máximo da reflexão, que faria do incidente uma vivência.” (BENJAMIN, 1989, p.4). Já Walter Benjamin retrata o processo de criação como um duelo entre o artista e a obra, onde o primeiro lança um grito de susto logo antes de ser vencido, pois o choque é o responsável pela grande catarse artística. Tunga também aponta para importância desse estado, já que é da mesma natureza dos sonhos, mas em estado de vigília: “Quando prestamos atenção no devaneio, a distração já não está mais, sabemos como é e procuramos essa situação. Criar, fazer arte é criar condições para ficar nesses estados intermediários e conseguir formulá-los através de uma linguagem, qualquer linguagem...” (TUNGA, 2019).

Além disso, a poesia como impulso vital, reacende o desejo do outro em criar, já que ao contemplar ou consumir arte, o espectador pode ter o sentimento de pertencimento e até mesmo de criador daquilo. Quantas vezes já me deparei com uma obra e tive a sensação de que aquele artista encontrou o mesmo lugar que eu. Ver/ ler/ ouvir a arte do outro permite que você vá como visitante à sua casa. A arte conecta e gera empatia, pois toca em locais sutis e subterrâneos da nossa psique, já que se utiliza de associações com a linguagem simbólica.

A colagem analógica vem então para nos lembrar da importância dos processos, do devaneio e de mantermos uma visão mais onírica para a vida. Ela aponta para o desacelerar, já que seu decurso não condiz com a lógica imediatista e de produção ininterrupta que a nossa sociedade atual nos submete. No fazer artístico, precisa-se encarar o tempo conforme o próprio ritmo, o que Bachelard vai chamar de tempo vertical, que não segue a medida e o devir dos outros. Segundo ele, devemos nos habituar a distinguir o nosso próprio tempo. “A meta é a verticalidade, a profundidade ou a altura; é o instante estabilizado em que

as simultaneidades, ordenando-se, provam que o instante poético tem uma perspectiva metafísica” (BACHELARD, 2010, p.94). É no tempo vertical que a poesia ganha forma, é onde há a elevação da casa, a harmonia das nossas antíteses internas.

Podemos dizer que nossa mente funciona na mesma lógica da collage, pois quando você une fragmentos psíquicos, acaba **despertando os móveis adormecidos nos nossos espaços de intimidade**. Assim, experienciamos a união e expansão da casa, já que não podemos mais nos contentar em ser *indivíduos de um só andar*. (BACHELARD, 1988)





CAPÍTULO 4

CASA ONÍRICA: APRENDENDO A SER MORADA PRÓPRIA

*Todo o progresso é uma volta à Morada própria. Tudo está em cima e embaixo, apesar de todas as aparências contraditórias.**

– Os Três Iniciados

4.1. CONCEITOS

Meu projeto se desenvolveu a partir da minha vontade de entender mais a fundo sobre a técnica da collage, já que ela sempre foi a minha principal forma de expressão. Ao me adentrar no meu processo e pesquisa artística pude perceber como a nossa percepção sobre nós mesmos e a forma como experienciamos o mundo se transforma e, tudo que encontramos no caminho passa a ser incorporado no trabalho, mesmo que inconscientemente. Assumimos um papel de constante questionamento, de não aceitação a verdades rasas e também de um olhar curioso para aquilo

* no livro “O Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia”

que nos chama. Tunga dizia que a arte é a única disciplina do mundo capaz de introduzir qualquer coisa em seu discurso, possibilitando assim, um diálogo entre os diferentes assuntos e disciplinas que existem:

[...] ideia de que arte, seja ela qual for, é sempre uma conjunção, colocar duas coisas juntas e criar um terceiro sentido que não estaria na primeira nem na segunda, o surgimento entre duas coisas heterogêneas, que não necessariamente tenham a ver uma com a outra, concebendo um sentido quase como uma mágica, um sentido que, de repente, surge. (TUNGA, 2009, p.166)

Dada a importância da expressão para o nosso processo de desenvolvimento, me propus a investigar os fenômenos que poderiam estar envolvidos a isso e hoje acredito na eficácia de levar esse pensamento para as demais profissões, e também para a vida em geral.

No design, frente a esse novo e cada vez mais complexo cenário do mundo, é necessário repensarmos velhos conceitos, como queremos transmitir nossas ideias e expandir discursos e vivências, transitando em outras áreas de conhecimento. É considerar o design fora dos escritórios, projetando para além dos limites da mera funcionalidade e objetividade do dia a dia (LOUREIRO, 2021). Assim, introduzir uma perspectiva poética aos trabalhos, constitui uma forma de se conectar mais com o usuário, já que o uso de subjetividades acaba por gerar mais empatia, ampliando a experiência com o produto, seja ele imagético ou físico. “...bem mais do que projetar ou pensar-como-fazer, a elaboração poética é fruto de um pensamento que problematiza o mundo.” (LOUREIRO, 2021, p.15). Por isso, hoje, mais do que nunca, somos convocados enquanto designers a atribuir mais que uma única função aos objetos, contribuindo também para o despertar do indivíduo sobre si mesmo e o mundo à sua volta. Ao promover esse intercâmbio, “o designer-artista passa a se utilizar da prática do pensamento criador contemporâneo para expandir os sentidos da obra ou projeto para além de meras representações.” (LOUREIRO, 2021, p.18).

Assim, acredito que a collage seja um recurso potente também ao designer, pois possibilita o deslocamento de narrativas, o surgimento desse terceiro sentido, conectando de forma mais profunda o produto aos seres humanos. Durante meus anos de faculdade, tive a oportunidade de introduzir a collage em meus projetos gráficos, dando personalidade aos meus trabalhos.

Logo, a decisão de abordar a collage como tema principal do meu projeto de conclusão, já era de certo modo esperada. Junto a isso, ao pesquisar sobre diferentes assuntos como psicologia, arte e sociologia, pude observar como todos tangenciam e também agregam à atividade do design. A partir disso, me propus a conjugá-las em meu ensaio imagético, de modo que o projeto inspirasse poeticamente quem o vê, despertando também um olhar de curiosidade para a linguagem da collage.

4.2. DESENVOLVIMENTO

O projeto começou a ganhar forma a partir da minha experiência com a Soulcollage, já que pude ter ainda mais certeza da potência da técnica como meio de expressão simbólica do inconsciente. Como desdobramento, quis ampliar os meus diferentes *Neters* em uma grande colagem, uma espécie de mapa na altura do meu próprio corpo (1,58cm), para representar a topografia do meu ser e a alquimia resultante do constante diálogo entre o meu consciente e inconsciente. Porém, considero as cartas de Soulcollage também produtos do projeto final, já que, por me servirem também como oráculo, foram importante veículo de autoconhecimento e de canalização ao longo de todo o processo.



Figura 32. Apresentação Soulcollage

Figura 33. Ritual Soulcollage

No âmbito do desenvolvimento prático do projeto em TCC, a elaboração do mapa se iniciou na busca pelas imagens para sua composição. Para isso, fui ao meu primeiro banco de imagens, os sebos. É lá que a colagem começa para mim, onde meu olhar recorta as figuras sem precisar da tesoura, pois ao ver tal cenário já me habituei a prever aquilo que será interessante para meu trabalho, atividade essa que acaba treinando também a minha capacidade de imaginar o desdobramento antes de sua materialização. É de fato uma caça, pois a atenção precisa estar apurada frente à infinidade de opções que embaralham a visão. Os melhores achados são aqueles que o nosso “faro” se mistura com as ações do acaso.



Figura 34. Sebo, RJ

Após separados diversos materiais para a execução do projeto, de temas que vão desde livros de botânica até revistas eróticas, iniciei a colagem de forma manual para depois escanear os recortes separadamente e remontá-los novamente no Photoshop. Optei por fazer dessa maneira, pois o manuseio dos materiais é para mim essencial para que eu consiga visualizar as conexões entre as figuras, conseguindo sobrepor e mesclá-las mais livremente. Após feita uma estrutura base, complementei a colagem no digital, adicionando mais elementos digitalizados e alguns outros de banco de imagens da internet. Assim, tive um processo de criação híbrida, de pensamento analógico, porém aproveitando as possibilidades de edição que a ferramenta digital nos possibilita, sobretudo para projetos de design.



Figura 35. Processo Criativo

Figura 36. Processo Criativo



Figura 37. Alguns dos elementos escaneados

Também foram desenvolvidos papéis artesanais a partir de restos de recortes, para a cinta que reveste o projeto na apresentação final.



Figuras 38 e 39. Processo de produção de papéis artesanais

4.3. RESULTADOS

Casa Onírica é então um mapa que retrata esse local de intimidade com os meus próprios cômodos e fragmentos, para que o estado de profunda reflexão e integração psicológica possa ganhar forma. Ela abriga o devaneio, me permite sonhar em paz, porque é lá que “os sonhos, os pensamentos, as lembranças formam um único tecido. A alma sonha e pensa, e depois imagina.” (BACHELARD, 2010, p.311) E além de tudo, o mapa também conduz a uma pausa, já que a peça, com seus pequenos universos, sugere que o observador separe um tempo para sua contemplação.

E é nessa verticalidade que a dialética das alegrias e das dores conquista sua unidade, sua ordem interna (BACHELARD, 2010), pois propõe esse constante movimento de cima para baixo e de baixo para cima, nos lembrando que a sombra é também habitação.

“O instante poético, portanto, é necessariamente complexo: ele comove, ele prova - convida, consola -, é espantoso e familiar. Essencialmente, o instante poético é a relação harmônica de dois contrários.” (BACHELARD, 2010, p.94)

A imagem fala também da nossa (re)associação com a natureza, já que ao longo dos anos fomos separados como algo a parte dela. Esquecemos que a natureza é a nossa casa natal, de onde viemos e para onde vamos sempre retornar.

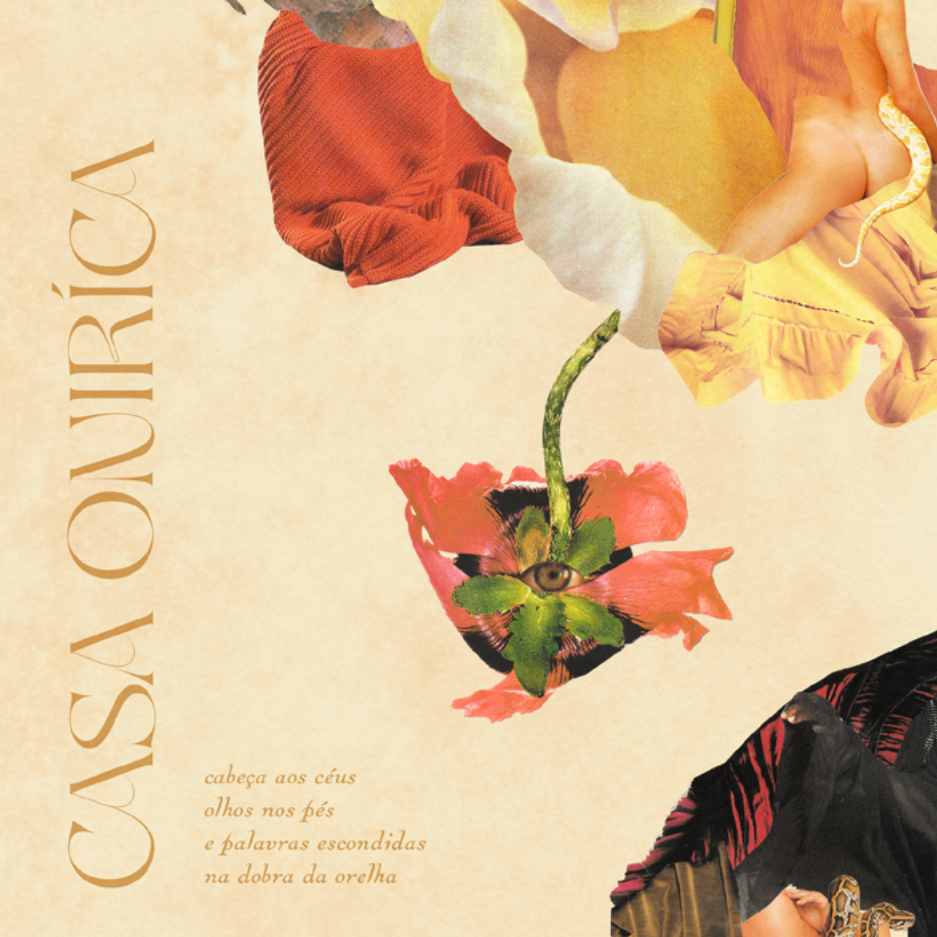
Cabeça aos céus, olhos nos pés e palavras escondidas na dobra da orelha

A frase que acompanha o mapa, chegou até mim durante um momento de devaneio e através de um sonho. Cabeça aos céus, olhos nos pés sugere a ambivalência das antíteses, a arte alquímica de manter a mente nas estrelas, mas sempre se atentar por onde caminha. palavras escondidas na dobra da orelha é fruto de um sonho, no qual havia literalmente uma palavra da dobra da minha orelha e eu, sem êxito, tentava de tudo para poder vê-la, acordando sem saber o que era. Como Bachelard diz, os ouvidos também sonham. Mas somente às vezes eles nos sussurram as respostas, já que parte da magia é o mistério.

CASA ONÍRICA

*cabeça aos céus
olhos nos pés
e palavras escondidas
na dobra da orelha*

49



Figuras 41 a 44. Detalhes



Figuras 45 a 47. Detalhes



Figuras 48 a 51. Detalhes



Figuras 52 a 54. Resultados



Figuras 55 Resultado

O trabalho foi impresso em canvas e estruturado em ripas de madeira e corda. A cinta que o envolve foi feita com papel artesanal, tecido de juta e cadarço de couro. Já o invólucro para as cartas de Soulcollage foi montado com tecido em linho e corda.



CONCLUSÃO

Esse projeto foi de extrema importância para mim e para minha jornada enquanto designer e artista. Ter embarcado nesses temas, tão pessoais, mas que ao mesmo tempo dizem respeito a todos nós, me ajudou a clarear tantas dúvidas que eu tinha a respeito do propósito do meu trabalho.

Em tempos de superficialidade e profusão intensa de imagens, trazer a collage como forma de repensar e reorganizar o mundo, é também resgatar a importância de valorizarmos os frutos da nossa imaginação, dos nossos devaneios e reflexões profundas. A urgência de conhecermos os móveis, comôdos e andares da nossa própria casa, para então sabermos também a melhor forma de habitar o mundo.

Principalmente neste último ano, momento em que estamos enfrentando uma situação de extrema dor coletiva devido a pandemia, a função da expressão artística também como um alento foi elucidada. Tanto como fazedores, quanto como consumidores de arte, pois ela gera encontros com o outro, conecta. Por isso a importância de ressignificarmos e traduzirmos aquilo que estamos sentindo, pois a razão não dá conta de tudo.

Quando nos expressamos, seja através da dança, da pintura, da collage, da música, do teatro, da culinária, do bordado, da palhaçaria, da escrita, dentre mil outras formas disponíveis, lançamos a nossa verdade no mundo. Inauguramos algo de novo. Assim, são as nossas comprovações poéticas, as capazes de nos possibilitar experimentar a *sobrerrealidade*.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRIAN, Sarane. O Surrealismo. Lisboa: Editorial Verbo, 1973.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. A intuição do instante. Campinas: Verus Editora, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. Editora Brasiliense, 1989. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/23229538/benjamin-walter-sobre-alguns-temas-em-baudelaire>

CRARY, Jonathan. 24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FONSECA, Aline Karen. COLLAGE: A COLAGEM SURREALISTA. Revista Educação - UNG-Ser, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 54 - 64, nov. 2009. ISSN 1980-6469. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/462/569>>. Acesso em: 09 abr. 2021.

FROST, Seena B. SoulCollage Evolving: An Intuitive Collage Process for Self-Discovery and Community. California: Hanford Mead Publishers, Inc., 2017

FUÃO, Fernando. A collage como trajetória amorosa. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

FUÃO, Fernando. A collage como trajetória amorosa e o sentido de hospitalidade: acolhimento em Derrida Ensaio Filosóficos, Volume IX - Maio/2014. Disponível em: http://www.ensaiofilosoficos.com.br/Artigos/Artigo9/Fernando_Fuao.pdf Acesso em: Setembro de 2020.

FUÃO, Fernando. Órbita da Collage. 2012. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2012/06/orbita-da-collage-1-fernando-freitas.html> Acesso em: Fevereiro de 2021.

KROHN, Silke in: BUSCH, Dennis et. al. The Age of Collage - Contemporary Collage in Modern Art. Berlin: Gestalten, 2013.

JUNG, Carl. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2016.

LOUREIRO DE MOURA, Renata. FEME.AR: A (IN) Compreensão do corpo feminino e sua visualidade na fronteira entre a arte e o design contemporâneo. Rio de Janeiro, 2021.

TUNGA. Cadernos EAV 2009

MATERIAL DIGITAL:

WURZBA, Lilian. Introdução a Jung. Casa do Saber, 2019. Disponível em: <https://app.casa-dosaber.com.br/courses/introducaojung> Acesso em: Setembro de 2020.

LIMA, Sérgio. CausaOperariaTV. Youtube, 2010. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Y9DNkIFUI0I>>. Acesso em: novembro 2020

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1. Um cão Andaluz (1929). Luis Bunel

Figura 2. Um cão Andaluz (1929). Luis Bunel

Figura 3. Fruit Dish and Glass (1912). Georges Braque

Figura 4. Guitar (1913). Pablo Picasso

Figura 5. Cut with the Kitchen Knife Through the Beer-Belly of the Weimar Republic (1912). Hannah Höch

Figura 6. Sem título (1930). Hannah Höch

Figura 7. O crítico de Arte (1919-20). Raoul Hausmann

Figura 8. Two Underdrawers (1921). Kurt Schwitters

Figura 9. The Cherry Picture (1921). Kurt Schwitters

Figura 10. L'esprit de Locarno (1929). Max Ernst

Figura 11. Marriage (1934). Jindrich Styrsky

Figura 12. Photomontage (1922). Alexander Rodchenko

Figura 13. A Yankee in Petrograd (1924). Alexander Rodchenko

Figura 14. Corner Counter-Relief (1914). Vladimir Tatlin

Figura 15. O que será que torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes? (1956). Richard Hamilton

Figura 16. Dr. Pepper (1948). Eduardo Paolozzi

Figura 17. Orixá (1961). Tereza d'Amico

Figura 18. A pintura em pânico (1943). Jorge de Lima

Figura 20. Lilith | Naípe Conselho Arquetípico

Figura 21. Essência da Alma

Figura 22. Tereza | Naípe Comunidade Afetiva

Figura 23. Entrega | Naípe Comitê Pessoal

Figura 24. A Fonte

Figura 25. Recolhimento | Naípe Comitê Pessoal

Figura 26. Ponto de Equilíbrio | Naípe Comitê Pessoal

Figura 27. Potencial Criador | Naípe Comitê Pessoal

Figura 28. Transcender a Dualidade | Naípe Comitê Pessoal

Figura 29. Olhos que tudo veem | Naípe Conselheiros Energéticos

Figura 30. Inércia | Naípe Comitê Pessoal

Figura 31. Tempo na Pele | Naípe Comunidade Afetiva

Figura 32. Apresentação Soulcollage

Figura 33. Ritual Soulcollage

Figura 34. Sebo, RJ

Figuras 35 e 36. Processo Criativo

Figura 37. Alguns dos elementos escaneados

Figuras 38 e 39. Processo de produção de papéis artesanais

Figura 40. Arquivo Final

Figuras 41 a 51. Detalhes

Figuras 52 a 55. Resultados

FONTES ICONOGRÁFICAS:

Figuras 1 e 2

Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-1996/fotos/detalhe/?cmediafilme=18821458>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 3

Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Papier_coll%C3%A9>

Acesso em: Março de 2021

Figura 4

Disponível em: <<http://thestylefibula.com/papiers-colles/>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 5

Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/hannah-hoch/cut-with-the-kitchen-knife-through-the-beer-belly-of-the-weimar-republic-1919>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 6

Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/hannah-hoch/untitled-from-an-ethnographic-museum-1930>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 7

Disponível em: <<http://artemodernaartistas.blogspot.com/2016/03/raoul-hausmann-1886-1971.html>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 8

Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/35198>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 9

Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/33356>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 10

Disponível em: <<https://www.artsy.net/article/jessica-beyond-painting-the-experimental-techniques-of-max>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 11

Disponível em: <<http://weimarart.blogspot.com/2010/10/jindrich-styrsky-i-heard-secrets-in.html>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 12

Disponível em: <<http://www.artnet.com/artists/alexander-rodchenko/photomontage-85VHx6cr8E9xm4i52MUKFg2>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 13

Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/6599?artist_id=4975&page=1&sov_referrer=artist>

Acesso em: Março de 2021

Figura 14

Disponível em: <<https://www.artsy.net/artwork/vladimir-tatlin-corner-counter-relief>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 15

Disponível em: <<https://valdoresende.com/2011/09/13/richard-hamilton-uma-visao-sobre-o-mundo/>>

Acesso em: Março de 2021

Figura 16

Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/eduardo-paolozzi/dr-pepper-1948>>

Acesso em: Março de 2021

Figuras 17, 18 e 19

Disponível em: <<https://fernandofuao.blogspot.com/2019/03/a-collage-surrealista-no-brasil.html>>

Acesso em: Março de 2021

Figuras 20 a 55

Acervo da autora.